

Cidade quer conquistar o título de "capital brasileira de eventos"

por Judith Mota
de Brasília

Brasília não tem as praias do Rio de Janeiro, a estrutura econômica de São Paulo nem a riqueza cultural trazida pela imigração de todas as partes do mundo para garantir à culinária o requinte internacional, como acontece na capital paulista e, em menor escala, em Curitiba. Mesmo assim, quando se isolam os funcionários públicos, mais de um terço da população economicamente ativa que resta da cidade está envolvida — direta ou indiretamente — em serviços de alimentação e turismo.

O Distrito Federal tem perto de 700 mil pessoas que trabalham. A metade desse total é formada por funcionários públicos, e dos 350 mil restantes o Sindicato de Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares estima que cerca de 140 mil pessoas participem do setor. Na classificação nacional, Brasília fica em 4º lugar em termos de estrutura depois de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, mas tem demonstrado maior resistência à crise do que outras cidades.

Como sede do governo federal, Brasília tem algumas peculiaridades, como o calendário da cidade, regulado pelos acontecimentos políticos. Nos hotéis, por exemplo, a alta temporada vai de março ao final de junho, e recomeça em agosto até dezembro. Polêmica no Congresso Nacional significa para os donos de hotéis uma enxurrada de hóspedes. São lobbistas, em sua maioria, que vêm acompanhar de perto as negociações. O ano da Constituinte é citado pelos empresários como um período "de ouro", e as fases de recesso parlamentar implicam sempre queda de movimento.

A capacidade total de hospedagem fica próxima de 25 mil pessoas. São 6,5 mil apartamentos e 12,5 mil leitos. A taxa de ocupação é muito variável: em anos de bom movimento a média anual fica em 55%, mas se os negócios não forem tão bem, esse percentual cai para 45%. Em períodos de baixa temporada — com recesso parlamentar e queda no ritmo do governo —, a taxa cai ainda mais, para uma faixa entre 20 e 35%.

Mas as flutuações no movimento dos hotéis não param por aí. Até mesmo durante cada semana há variações grandes. Os melhores dias são terças e quartas-feiras — períodos praticamente "mortos" em outras cidades. Os aviões que chegam ao aeroporto vêm sempre mais cheios no início da semana, e nas quintas e sextas-

feiras o movimento é em sentido contrário. Durante a alta temporada, os primeiros dias da semana podem significar uma ocupação de 70 a 100% da capacidade, caindo para 30 a 50% quando se aproxima o final de semana.

"A atividade do governo é determinante", explica o presidente do sindicato do setor, César Augusto Gonçalves. Pensando nisso, ele propõe que se canalize esta influência para criar uma outra alternativa no fluxo turístico para a cidade. "A ideia é transformar Brasília na capital brasileira de eventos", conta.

Gonçalves argumenta que, por abrigar o governo, a freqüência de autoridades aos eventos promovidos seria facilitada. Ele considera que "é muito mais fácil promover os eventos aqui do que contar com um deslocamento de uma série de pessoas para prestigiar o acontecimento".

Ele cita ainda outra vantagem — que já serviu até mesmo como argumento para a construção de Brasília —, a sua localização geográfica, no centro do País. "Brasília está hoje a, no máximo, duas horas de avião de qualquer cidade do País."

Além disso, Gonçalves lembra que, por ser uma cidade planejada, Brasília tem facilidades de circulação. "A gente pode fazer um evento e deixar as pessoas hospedadas até mesmo em uma cidade satélite, que o deslocamento não vai demorar mais que quinze minutos e sempre por avenidas largas e agradáveis", diz. Gonçalves não poupa elogios à infraestrutura para eventos, afirmando que "as salas e centros de convenções são espetaculares e podem abrigar qualquer tipo ou porte de evento".

Com esses argumentos, o sindicato pretende reivindicar maior apoio do governo do Distrito Federal para o setor. "É preciso ver qual a vocação da cidade para conduzir o desenvolvimento", acredita. Nesse raciocínio, ele considera que deve ser dada prioridade às áreas de agricultura, indústria de transformação de alimentos e turismo "onde o nosso produto já provou que é competitivo".

Como os números do GDF não permitem perspectivas muito otimistas em relação à capacidade de investimento em qualquer setor — o orçamento para o Distrito Federal previsto para o próximo ano é de pouco mais da metade do orçamento deste ano —, o sindicato quer buscar soluções de curto prazo dentro da própria área de turismo.

Gonçalves adianta que um dos projetos é "criar um departamento de captação de eventos" no sindicato. Junto com outros órgãos envolvidos (como o Departamento de Turismo e as agências de viagem) pode ser formado um fundo capaz de canalizar dinheiro para a área.

Para Gonçalves, os problemas econômicos enfrentados pelo governo do Distrito Federal devem ser encarados até mesmo como uma razão para buscar uma nova perspectiva de sobrevivência. "É preciso fazer algo para garantir a autonomia e econômico financeira de Brasília", defende. Ele adverte que, associando a redução prevista no orçamento à arrecadação insuficiente, "que não cobre nem os gastos com educação", as perspectivas econômicas ficam ainda piores.

Ele considera que não há problemas de abastecimento apesar de Brasília não ser auto-suficiente na grande maioria dos produtos consumidos. "A dificuldade é o custo." A importação acaba por onerar o produto final com os gastos com frete e armazenagem. Na comparação com outras cidades, Brasília é a mais cara na maioria dos tipos de alimentação fora de casa.

O que se gasta — em média — em um lanche ou uma refeição comercial em Brasília é mais do que seria necessário em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Apenas quando se trata de refeições mais sofisticadas, Brasília sai ganhando, mas com uma diferença muito pequena.